

RESUMO - GT1 - PERSPECTIVAS AFRODIASPÓRICAS E/OU DECOLONIAIS

**DEVIR CORPO–TERREIRO–TERRITÓRIO: INCONSCIENTE RACIALIZADO,
AGÊNCIA NEGRA E PRODUÇÃO DE ESPACIALIDADES**

Rachel Cabral Da Silva (silvarachelcabral@gmail.com)

Este trabalho, vinculado à tese de doutorado em Geografia em andamento, investiga as significações do corpo no contexto afroreligioso articulando três camadas de leitura sobre o corpo: as marcas do racismo no inconsciente (Nogueira, 2021); o corpo na dimensão temporal espiralada (Martins, 2021) como fundamento do ser e da experiência que incide na forma de ser/existir/habitar e perceber o mundo; o corpo como agente nas estratégias de produção de espacialidades negras, subjetividade e política do corpo, e, por fim; os cruzamentos culturais, as diferenças e tensões sociais também aparecem visivelmente no e pelo corpo.

Com base nas contribuições de Nogueira (2021), compreende-se que o racismo opera como lógica psíquica que incide sobre a constituição subjetiva do corpo negro e, simultaneamente, como processo-projeto de nação (Guimarães, 2015), sustentando, ao longo da história, as violências sistemáticas impostas à população negra. Pelo inconsciente racializado, o corpo negro é inscrito no imaginário social como desvio/ameaça/ausência, o que compromete a forma como é percebido por si e pelos outros no mundo. A partir dessa perspectiva, Souza (2021) aprofunda a análise ao apresentar o “tornar-se negro” como travessia subjetiva indispensável para romper com o auto-ódio e com a fantasia colonial (Fanon, 2008), responsável por interpretar

os signos da negritude a partir de narrativas que oscilam entre perigo/medo/ameaça e desejo/exotização/fetichização.

Nesse sentido, a raça como construção social classifica e hierarquiza sujeitos, e, essa lógica produz violências físicas/simbólicas/morais/epistêmicas/psicológicas para naturalizar a inferiorização e convertê-la em evidência do real. Assim, o racismo atua como lesão psíquica e espacial, desestabilizando o sentido de lugar negro (McKittrick, 2011) e impondo-lhe a habitação de um corpo permanentemente vigiado, controlado/interditado em suas potências, isto é, submetendo ao deslocamento e à desagência.

Ao observar esse processo pelas narrativas escalares das mulheres de axé, percebe-se que as dimensões do inconsciente racializado se aprofundam no contexto das violências religiosas. O corpo de uma mulher de axé é alvo de ataques racistas/machistas/sexistas/patriarcais, resultantes de um imaginário colonizado, e ao mesmo tempo são autoridades dos seus território-terreiros (Correa, 2006). Ao compreender as ações políticas dessas mulheres através do corpo-terreiro-território (Silva e Abranches Junior, 2025), é nesse contexto que se concentra uma potência radical de r-existência (Porto-Gonçalves, 2006).

Essa tríade explicativa configura uma ferramenta analítica baseada em uma proposta de epistemologia negro-africana corporificada para a ciência geográfica ao articular dimensões indissociáveis para demonstrar que espacialidades negras surgem mesmo em condições de restrição: o corpo: o suporte da existência, memória, espiritualidade e poder. É visto como território político e espaço de inscrição de memórias e violências, além de ser um espaço de reontologização, onde o ser, principalmente o ser negro, reconstrói sua existência e dignidade/humanidade a partir das epistemologias de matrizes africanas; terreiro: Não é apenas o território sagrado, é político, pedagógico, r-existência e organização negro-comunitária; e o território: arenas políticas, como campo de disputa para o reconhecimento, pertencimento e existência coletiva, contrapondo visões hegemônicas.

Assim sendo, as experiências políticas Mulheres e das pessoas afroreligiosas são espaciais porque a agência negra reconfigura territórios mesmo sob condições de restrição/violências e controle.

Palavras-chave: corpo-terreiro-território; geografias negras em movimento; mulheres de axé; racismo religioso.

